



Especial Verão

Queremos umas férias mais verdes

Viagens na minha terra
Descobrir Portugal a cavalo, de veleiro e de bicicleta

Janas
A ecoaldeia onde se aprende a ser sustentável

Férias a cavalgar

● Rodrigo, dez anos, é o mais jovem de uma família de cavaleiros. Hoje, dia de nevoeiro cerrado nos caminhos da serra de Arga e alguns pingos grossos de chuva que humedece o granito, monta a *Lady*, uma garra-na como todos os garranos. Cabeça fina, pescoço curto e musculado, garupa larga e membros pequenos, pelagem castanho-escura, topete farto, crina e cauda pretas, compridas e densas. Far-nos-á companhia durante a jornada este Bravo Cavalor das Montanhas, a raça que levou o município de Viana do Castelo a editar um livro e sobretudo a pensar na sua preservação e valorização

enquanto património e activo de desenvolvimento territorial. Por isso criou o projecto “Percurso do Homem e do Garrano”, cuja principal missão passa por aproximar o garrano das populações e dos visitantes, conferindo um novo protagonismo à raça autóctone, com um efectivo muito reduzido e subvalorizado na região.

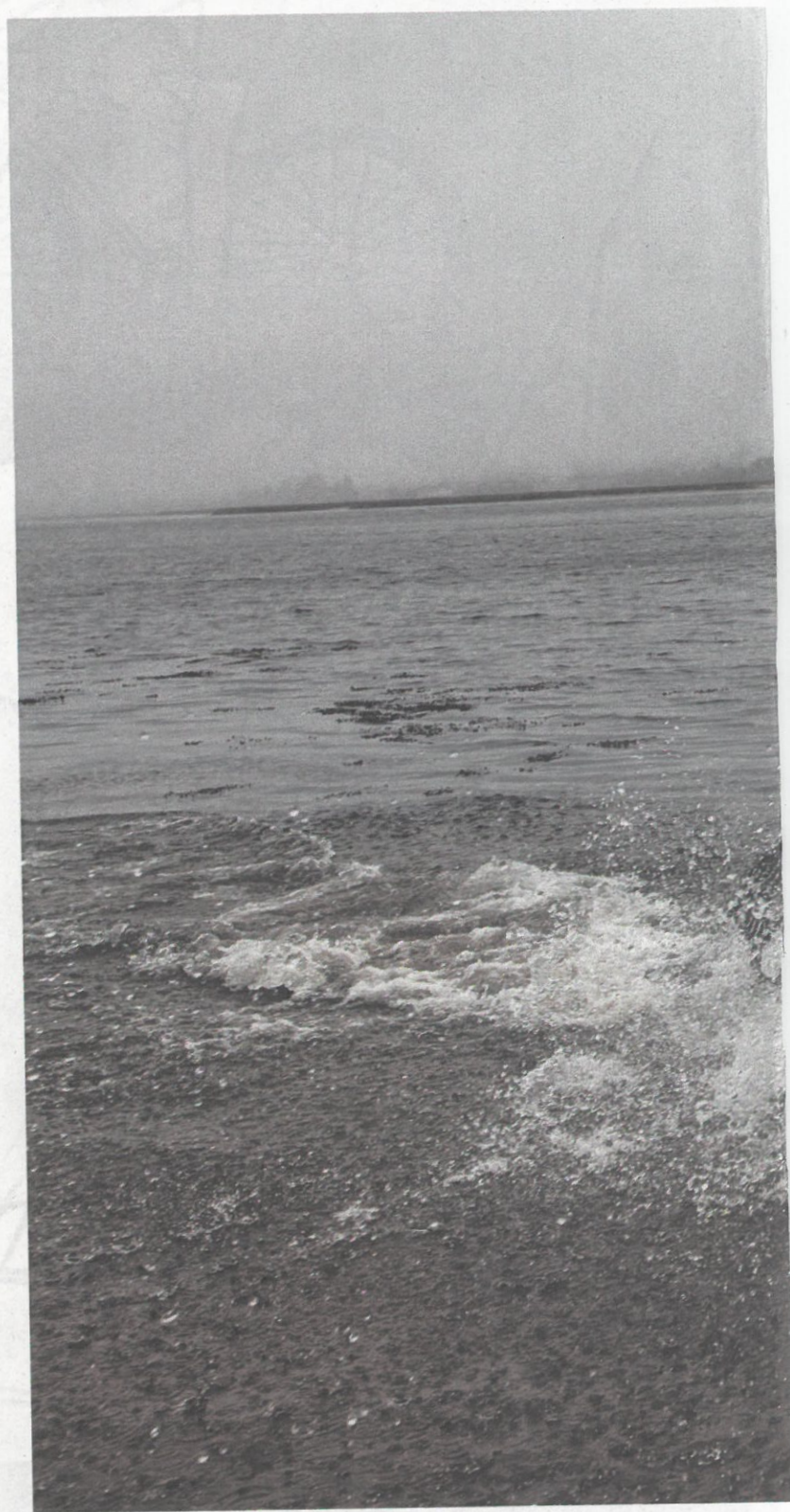
José Antunes estacionou os atrelados no frondoso Paço de Lanheses e tratou das apresentações. Tem 50 anos – e garranos desde os 21. Casou com Piedade (“eu até tinha medo de cavalos”, diz ela, confortável no dorso da *Gamila*) e comprou uma

“garrana do monte pequenina”. “Depois foi sempre a aumentar”, assume José. Chegou a ter 20. Tem 18 – alguns inteiros, isto é, garranos não castrados. E tem três filhos, que naturalmente fundem os verbos caminhar e montar. “Começaram a andar a pé e a cavalo mais ou menos na mesma altura”, brinca José. “Desde que me lembro que monto”, sorri Miguel (22 anos) com o *Quico* pelas rédeas e toque na cabeça. “O equilíbrio é fundamental. Isso e olhar para as orelhas e ver os sinais de comportamento que nos dá”, diz o irmão do meio. “Todos montam”, explica o pai. “Fazem corridas de



Os cavalos não se medem aos palmos

Com o mar à vista, ao longo do rio ou serra acima. Viana do Castelo preparou três percursos para fazer a pé ou sentado no dorso de um cavalo pequenino, robusto e esperto – e teimoso q.
b. *Luís Octávio Costa (texto) e Adriano Miranda (fotos)*





Passeie pelo especial Verão em www.publico.pt/fugas

galope desde os sete anos”, junta José, um dos poucos a ter garranos a correr – e os garranos só competem com animais da mesma raça. “São pequeninos, robustos e espertos. E teimosos que chegue”, descreve. “São difíceis de domar. Se eles percebem que a pessoa lhes têm medo, eles abusam um bocadinho da pessoa.”

Os animais registados são identificados a fogo na coxa direita com o símbolo da raça (um espigueiro com a letra G de garrano ao centro). Acresce ao símbolo uma cruz no topo do espigueiro se pai e mãe forem puros garranos. Machos e

fêmeas viajam separados. Reagem com entusiasmo e ansiedade mal se abrem as portas dos atrelados. As caudas, cortadas a gosto, não arrastam no chão por pouco. As crinas pretas vão tombando para ambos os lados do garrano, animal de estatura pequena (altura no garrote inferior a 1,35m), perfil recto, cabeça fina mas vigorosa, olhos redondos e expressivos, narinas largas, ganachas fortes e musculosas, pescoço bem dirigido, membros apurados, curtos e grossos. Quem os detecta na serra conhece-lhes o passo travado, um andamento peculiar só deles – as pernas avançam não

na diagonal, mas lateralmente. E a resistência.

“A primeira vez que fui a Santiago de Compostela, em 1998, foi num garrano. Fiz o caminho central desde Ponte de Lima”, lembra Cristina Lima, da Lethes Go, que promove passeios equestres. “São super-ágeis e cheios de nervo”, acrescenta José Paulo Vieira, que coordena os percursos simultaneamente pedestres e equestres Do Homem e Do Garrano, entre as dunas e a veiga do litoral atlântico, pelas margens do Lima, rio do esquecimento, ou através da névoa e do granito da serra. Os três interligam os Sítios de Impor-

tância Comunitária da Rede Natura 2000 no concelho: Litoral Norte, Rio Lima e Serra de Arga, que constitui, a par da serra de Santa Luzia, um habitat privilegiado do garrano. “É-lhes reconhecida uma certa heroicidade e uma capacidade de enfrentar obstáculos que os outros cavalos não têm. Se um cavaleiro conseguir lidar com um garrano, conseguirá lidar com qualquer cavalo”, explica o chefe de Divisão de Recursos Naturais da Câmara Municipal, que muitas vezes se refere ao garrano como “o pônei português”, com uma presença milenar no Noroeste ibérico – refiram-se os

equídeos e cavaleiros gravados num afloramento granítico do sopé do alcantilado de Montedor, em Fornelos, da Laje da Churra, localizados na freguesia de Carreço, bem como os cavalos patentes nas lajes gravadas no lugar da Breia, em Cardielos e Serreleis. “Esta imbrincada relação do garrano com a nossa história coloca-nos, simultaneamente, perante um desafio e uma oportunidade: preservar este legado cultural e genético e reinventar as funções do garrano nos modos de vida, aspirações e necessidades das novas gerações, a fim de tornar sustentável a conservação desta →



Um dos percursos atravessa a orla e as veigas agrícolas da linha de costa de Viana do Castelo

Férias a cavalgar



importante espécie autóctone e a valorização do seu território nativo”, pode ler-se num dos folhetos e mapas de bolso lançados pela autarquia.

Chimpanzés e cavalos

Se a raça já se encontrava perfeitamente classificada do ponto de vista zoológico, há um par de anos começaram a ser dados os primeiros passos no sentido de se estudar o comportamento social do garrano em estado semi-selvagem por um grupo de investigadores da secção de Linguagem e Inteligência da Universidade de Quioto e investigadores da Universidade Sorbonne Nouvelle, com um protocolo estabelecido com o município de Viana do Castelo. A aliança deu-se através da aproximação de Tetsuro Matsuzawa, primatologista japonês, com Carlos Pereira, especialista português do estudo de cavalos, e do cruzamento do resultado dos estudos dos dois animais. Como resultado, desde 2013, as universidades de Sorbonne e de Quioto juntaram-se para estudar o cavalo, utilizando conhecimentos da primatologia, implicando a criação de uma nova disciplina, a Equinologia, o estudo do cavalo. No estado selvagem, a equipa centrou o seu trabalho em Portugal. Após uma acção de reconhecimento inicial da Peneda-Gerês, a equipa optou pela serra de Arga para estudar os garranos. Porque é que esta serra é tão importante? “Os cavalos selvagens sofrem predação pelos lobos selvagens. Esta situação mantém-se para proteger o gado precioso do homem, o que implica a pro-



tecção de vacas e ovelhas de ataques dos lobos. Este ecossistema de come-cavalo-lobo está baseado na tradição cultural moldada pela gente da região. Conhecer os garranos e a relação homem-cavalo fornecem a base singular para criar um futuro relacionamento entre homens e animais”, responde Matsuzawa.

“As pessoas não os conhecem. E Portugal não os mostra. Nós, os estrangeiros, ficamos fascinados”, sublinha Paiva Alihanka, que, apaixonada pelos garranos, se mudou da Dinamarca para Lanheses há cerca de dez anos. “Têm um trote diferente, um andar diferente. Na Dinamarca temos cavalos, mas temos que preparar para os montar”, brinca a dinamarquesa, “melhor com cavalos do que com pessoas”. A partir da vila portuguesa Alihanka gere

duas escolas equestres, uma delas no Paço de Lanheses, propriedade senhorial do início do século XVIII, amplo terreiro e alamedas de árvores seculares, que pertence aos condes de Almada e Avranches desde o século XIX. Hoje, o solar é nuclear na promoção desta raça, outrora tão próxima das populações, e na consciencialização do seu valor. “Quando vieram, os investigadores japoneses ficaram encantados com a serra de Arga. Viram logo duas ou três manadas na chã. Fotografaram-nos, filmaram-nos e fizeram um dossier com cada um deles. Baptizaram os garranos com nomes japoneses”, recorda Lourenço de Almada, presidente da Associação O Caminho do Garrano. “É uma raça reconhecida lá fora. É importante para a sobrevivência do animal que seja valorizada cá dentro.”

Percursos equestres

PEQ1 Rio Lima 18km

Este itinerário atravessa a planície aluvial da margem direita do rio Lima, entre o limite urbano de Viana do Castelo e a freguesia de Lanheses. Acompanhando a margem direita do Lima, percorremos sempre um importante corredor ecológico. A galeria ripícola encontra-se fragmentada, alternando com as parcelas de cultivo. Amieiros, freixos, salgueiros, vidoeiros e carvalhos encontram-se entre as espécies mais frequentes nas faixas arbóreas ribeirinhas. A antiguidade da presença humana neste território entre o mar, o vale e a montanha, desde o V milénio a.C., é comprovada por numerosos vestígios histórico-arqueológicos, desde dólmenes e gravuras rupestres, castros da Idade do Ferro, eixos de travessia fluvial do rio com mais de dois milénios, evidências de vias de circulação romanas e medievais, reminiscências de coutos monásticos outorgados no período da Reconquista e da Alta Idade Média, limites de propriedades senhoriais, casas solarengas com mais de quatro séculos, locais de exploração de sal e minério cuja antiguidade se perde no tempo.

PEQ2 Serra de Arga 13km

Partindo desde a margem direita do rio Lima, junto ao cais onde outrora acostavam as embarcações vindas do “lugar da passagem”, estabelecendo a ligação entre Moreira de Geraz do Lima e Lanheses, este percurso equestre realiza a subida da vertente meridional da serra de Arga, em direcção à aldeia serrana da Montaria. Ao longo desta pequena rota os contrastes paisagísticos são notórios, reflectindo a adaptação humana a condições ambientais díspares. Se as áreas aplanadas de fundo de vale acolhem um modelo de povoamento disperso, onde apenas sobressaem núcleos de maior importância histórica, como é o caso de Lanheses, à medida que ascendemos em altitude modifica-se o movimento do relevo, influenciando a aglomeração

dos núcleos rurais e os sistemas produtivos. As extensas parcelas de culturas de regadio bordejadas pela vinha que dominam visualmente a planície aluvionar do rio Lima dão gradualmente lugar a uma paisagem agro-silvo-pastoril mais compartimentada e diversa. Os vestígios arqueológicos documentados na proximidade deste percurso evidenciam que nos encontramos num território densamente ocupado desde a proto-história, em virtude da relevância dos recursos minerais existentes.

PEQ3 Litoral Norte 14km

Neste percurso, que atravessa a orla e as veigas agrícolas da linha de costa de Viana do Castelo, poderá obter uma compreensão holística da história natural e humana entre a praia de Afife e o Forte da Vinha, na freguesia da Areosa. O litoral é, por definição, um espaço de interface e intercâmbio. Ao longo desta fronteira complexa, dinâmica e permeável, a diversidade do património geomorfológico, biológico, histórico-arqueológico, cultural e paisagístico irá desafiar a sua curiosidade. A alternância entre praias arenosas e praias rochosas ou cascalhentas e a multiplicidade de ambientes litorais e estuarinos traduz-se numa elevada diversidade de ecossistemas. Três monumentos naturais locais (Pedras Ruivas, Canto Marinho e Alcantilado de Montedor) permitir-lhe-ão desvendar os processos regionais e globais que influíram na formação e evolução deste sector da linha de costa. A presença humana no litoral norte de Viana do Castelo recua à Pré-História, sendo comprovada por relevantes vestígios histórico-arqueológicos, desde o Neolítico à Idade Moderna, passando pela Idade do Ferro e pela Romanização. As evidências da ocupação humana da orla costeira incluem mamoaes, gravuras rupestres, povoados castrejos, pias salineiras romanas e pré-romanas, bem como estruturas de defesa seiscentistas, citando-se o Forte de Paçô, o Fortim da Vinha e o Forte de Santiago da Barra.